



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA DO ENSINO HÍBRIDO

Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos*

 <https://orcid.org/0000-0001-5529-4606>

Nancy dos Santos Casagrande**

 <https://orcid.org/0000-0003-1501-5216>

Como citar este artigo: BASTOS, N. M. O. B.; CASAGRANDE, N. dos S. A contação de histórias: o papel do professor na perspectiva do ensino híbrido. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 1-10, maio/ago. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD02114607

Submissão: junho de 2021. **Aceite:** junho de 2021.

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar o conceito de contação de histórias, apontando algumas estratégias utilizadas pelo professor na qualidade de contador de histórias, adequando suas intenções em relação aos interlocutores envolvidos no contexto enunciativo, considerando o momento atual de pandemia da Covid-19, que pressupõe a adoção do ensino híbrido.

Palavras-chave: Contação de histórias. Interlocutores. Professores. Ensino híbrido. Pandemia.

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: nfbastos@pucsp.br

** PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: nancy.casagrande@gmail.com

*Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história.
Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia.
Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências.*
Jean de La Fontaine

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ **O** objetivo deste artigo é apresentar o conceito de contação de histórias, apontando algumas estratégias utilizadas pelo professor na qualidade de contador de histórias, adequando suas intenções em relação aos interlocutores envolvidos no contexto enunciativo, considerando o momento atual de pandemia da Covid-19, que pressupõe a adoção do ensino híbrido.

Nesse sentido, trataremos dessa atividade, considerada por nós lúdico-pedagógica, à luz dos preceitos de Luiz Antonio Marcuschi (1999, 2010), no que tange às questões de oralidade e dos pressupostos teóricos sobre ensino híbrido de acordo com Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando Trevisani (2015) e José Moran (2015).

CONCEITO DE GÊNERO

Contar histórias é uma das práticas mais antigas de que se tem registro na humanidade; é uma arte que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que admira narrativa. Os humanos contam histórias desde o início do desenvolvimento das habilidades de comunicação e de fala, assim, o ato de contar histórias promovia momentos de união e confraternização, além de propiciar a troca de experiências entre gerações. Para Malba Tahan (1964, p. 23):

Desde os tempos mais remotos o homem, percebendo que cada habilidade que possuía era um recurso à sua disposição para conquistar o respeito e a veneração dos seus semelhantes, começou a cultivar o seu talento e a especializar-se nas artes. Para entreter àqueles que o cercavam e receber a sua aprovação e admiração, usava ele, com especialidade, a arte de contar histórias. Pouco a pouco, o contador de histórias tornou-se o centro de atenção popular pelo prazer que as suas histórias proporcionavam.

Na Antiguidade, os contadores de histórias, denominados “aedos” pelos gregos, utilizavam fundamentalmente o recurso da língua falada, para reunir multidões encantadas com as sábias narrativas.

Nas palavras de Busatto (2003, p. 20),

[...] o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade por meio da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse pela escrita, fosse por outras tecnologias.

Assim, contar histórias precede antigos costumes populares pertencentes à tradição oral e o ato vem sendo recuperado no século XXI pelos professores do ensino fundamental como um recurso importante para o desenvolvimento das linguagens oral e escrita. Temos “a capacidade fantástica de entrar em contato, instantaneamente, com diversos universos, [o que] permite a nós do século XXI

apossarmo-nos de inimagináveis avanços tecnológicos” (SCHCOLNIC; BEZERRA, 2008, p. 10), entretanto, paramos para ouvir uma história bem contada ou para contar uma história para uma criança ao colocá-la para dormir. As histórias fazem parte do patrimônio da humanidade, com elas as crianças reconhecem o fantástico, o “faz de conta”, e é por meio delas que constroem seu psiquismo.

Nessa perspectiva, Sisto (2007, p. 39) afirma que a importância de contar histórias está na união de muitas artes: “da literatura, da expressão corporal, da poesia, da música, do teatro [...]”, não existindo uma maneira única de contar histórias, afinal cada contador conta a seu modo uma mesma história. Todavia, essa atividade requer certas habilidades que se tornam essenciais, como conhecimento acerca da história, a capacidade de estabelecer empatia entre os interlocutores, a preocupação com a linguagem não verbal, sem levar em conta, ainda, o contexto atual, que requer a habilidade de se situar num tempo-espaço diferenciado, em função da modalidade híbrida, adotada pela escola. Piza (2006, p. 19) destaca, na atividade de contar histórias, a influência do “[...] narrar na expressão do corpo, na tonalidade da voz e no olhar do contador para com os seus ouvintes”. Dessa forma, Sisto (2012, p. 101) assevera que “[...] o contador de histórias é um todo orgânico que se expressa pela voz, pelo corpo e pelas expressões faciais [...]”.

É válido destacar que, de acordo com Busatto (2003, p. 9), “[...] o contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado”. Nesse contexto, destaca-se a importância de os professores-contadores de histórias dominarem o conhecimento de que a comunicação não verbal interfere forte e positivamente na realização da atividade de contar histórias.

Silva *et al.* (2000, p. 53) ressalta que a comunicação não verbal,

[...] exerce fascínio sobre a humanidade desde seus primórdios, pois envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, como os gestos, expressões faciais, orientações do corpo, as posturas, a relação de distância entre os indivíduos e, ainda, a organização dos objetos no espaço.

Lemos (2006, p. 3) destaca que “a comunicação não verbal é uma fonte muito rica em mensagens que incide sobre a comunicação verbal [...]”, posto que, os sinais não verbais podem: confirmar, complementar ou mesmo contradizer a mensagem verbalizada. Para Guiraud (2001), é por meio de gestos, expressão facial, entoação de voz, postura, que os seres podem transmitir mensagens, ideias e emoções. De acordo com o propósito, os códigos corporais sugerem diferentes tipos, sendo eles: “[...] os substitutos da linguagem articulada, nos quais o gesto e a mímica suprem os sons, linguagem dos surdos-mudos [...]” e os “[...] auxiliares da linguagem articulada, nos quais os gestos ou outros movimentos do corpo acompanham a fala”, conforme Guiraud (2001, p. 6).

De acordo com as afirmações acima, Brenman (2012, p. 105) destaca que “as entonações vocais registram uma infinidade de emoções, que são constantemente alimentadas pelas reações dos ouvintes”. O autor acrescenta ainda que “a voz, por sua vez, não trabalha sozinha, ela reverbera em todo o corpo do contador: os olhos, os gestos, a expressão facial. O narrador oral é um artista da voz e do gesto”.

Todo esse panorama torna evidente a estreita ligação entre os aspectos da linguagem não verbal e a contação de histórias. Nesse sentido, é indiscutível que a apropriação do conhecimento dessa linguagem amplia a percepção do professor como contador de histórias com relação às interações, aumentando a qualidade da atividade na hora do conto. É importante mencionar que contar histórias requer um domínio do gênero teatral – cênico e dramático – em sua dimensão performática, ainda que o foco maior seja apenas a voz e o texto, projetados no espaço, para atingir uma plateia.

A ESTRUTURA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Conteúdo

O ato de contar histórias é uma das práticas mais remotas de que se tem registro da humanidade e se inicia muito antes da invenção da escrita. Suas motivações são variadas, para se divertir, ensinar, rememorar, ou simplesmente para passar o tempo. Os povos da Antiguidade contavam histórias para passar informação e assegurarem a perpetuação daquele conhecimento, assim, elas eram passadas de geração a geração. Mesmo com toda a tecnologia, a tradição do conto oral ainda se mantém. O ser humano conta histórias desde o início do desenvolvimento das habilidades de comunicação e da fala. Esses momentos promoviam e, hoje, pode-se assegurar que ainda promovem, união, confraternização e troca de experiências.

As histórias despertam a imaginação, as emoções, o interesse, as expectativas... ouvir uma história e/ou contá-la e recontá-la é uma maneira de preservar a cultura, os valores e compartilhar o conhecimento. O primeiro contato da criança com o texto, geralmente, é por meio das histórias apresentadas, oralmente, por pais e familiares. Elas podem ser contadas em diversas ocasiões, como ao acordar, durante uma tarde chuvosa, antes de dormir, preparando para um sono tranquilo e restaurador... Essa prática é extremamente importante. É o início do processo de aprendizagem.

Ouvir histórias desenvolve o pensamento crítico e oferece às crianças a possibilidade de conhecer um mundo encantador, mas também cheio de conflitos e dificuldades que precisam ser enfrentados. Segundo o professor Josep Maria Puig (1998, p. 69).

[...] a criança, quando ouve histórias, consegue perceber as diferenças que mostram os personagens bons e maus, feios e bonitos, poderosos e fracos, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social. Através deles a criança incorpora valores que desde sempre regem a vida humana.

Nas palavras de Abramovich (2005 [1989], p. 17)

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar.

No ato da contação de histórias, a criança se identifica com os personagens. Essa identificação desperta várias emoções e faz que ela externe seus sentimentos e vença o medo, a angústia, a timidez. Além disso, a contação de histórias aguça a curiosidade dos alunos e desperta-lhes o interesse em conhecer histórias. A tendência é que se tornem habilidosos leitores, facilitando o processo ensino-aprendizagem.

O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades: no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva desses ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p. 10).

Forma

Nos estudos de Torres e Tettamanzy (2008, p. 5), tem-se pela expressão “contação de histórias” que

[...] não existe gramaticalmente. O termo é uma expressão relativamente recente, livremente traduzida e adaptada de países de língua castelhana “cuentacuentos”, que pode significar tanto o ato de se contar histórias, quanto o próprio contador. Na língua inglesa, temos o termo “Storytelling” que é o ato, ou capacidade de se narrar um fato, ou história, de improviso, ou planejadamente, usando diversos tipos de recursos, ou um apenas. Os termos que se encontram fora do uso oficial da língua, mesmo que nela não encontrem referência nos dicionários e acordos ortográficos, sim, fazem parte da nossa língua, desde que não seja um erro ortográfico, ou de construção verbal.

Coelho (1999, p. 47) afirma que

[...] antes de narrar a história deve-se abrir espaço para uma boa conversa. Por exemplo, se a história gira em torno de animais domésticos e começa-se diariamente, os ouvintes poderão interromper dizendo: eu também tenho um gato, um cachorro, um passarinho, o que for.

A autora reforça que o espaço para as crianças falarem antes da narração é indispensável. Nesse momento, o professor-contador conhece melhor as crianças e concede-lhes a oportunidade de falar. Isso as acalma, preparando-as para a aventura.

Coelho (1999) assevera que o contador precisa ser habilidoso, é necessário “entrar” na história e levar junto todos os ouvintes. Diversos recursos, como imagens, sons, instrumentos musicais, materiais alternativos, devem ser utilizados para que o momento seja ainda mais agradável. Algumas dicas e técnicas também podem ajudar.

Outro fator bastante relevante para o processo de contação de histórias se refere à linguagem corporal do contador, como a troca de olhares com os ouvintes. As perguntas, durante a interação verbal, garantem a atenção dos ouvintes. Para Abramovich (2005 [1989]), é necessário saber contar histórias.

[...] para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pro-

nunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito que o autor construiu suas frases e dando as pausas nos lugares errados, [...] Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita [...] assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que por isso, chega no ovinete [...] (ABRAMOVICH, 2005 [1989], p. 18-20).

Para se contar histórias, para que haja envolvimento de toda turma, pode-se além do livro, fazer uso do teatro, de sons. As histórias permitem às crianças maior proximidade devido às situações de impasse que surgem durante os ensaios, escolha do personagem e onde se posicionar. Em tempos de pandemia, vale todo e qualquer recurso para tornar a contação de histórias atraente e encantadora. Para quem conta a história, do lado de cá da tela do computador, valem vídeos, sons, imagens que despertam o interlocutor e o mantém atento até o final.

Cabe ao professor, a tarefa de elaborar estratégias e técnicas, escolher o material de acordo com a idade das crianças, o tom de voz, a postura, e planejar os conhecimentos prévios para se promover objetivos de forma a contribuir na formação dessas crianças.

Assim, devemos considerar os seguintes aspectos ao se contar histórias:

- recreativo – a história como divertimento;
- educativo – a história pode servir como uma lição, uma advertência ou um conselho. Guardamos na memória essa história;
- instrutivo – as histórias servem como fonte de ensinamentos científicos, matemáticos, entre outros. Em Monteiro Lobato, vemos que a aritmética pode ser aprendida de forma lúdica em uma de suas histórias;
- religioso – as histórias prestaram e prestam grande contribuição à cultura religiosa dos povos;
- físico – as histórias produzem ação benéfica às pessoas enfermas, como atividade de repouso e recreação.

Frente a essas considerações, tratar-se-á da contação de histórias a partir da nova realidade que se nos apresenta: o ensino híbrido, entretanto, faz-se importante mencionar antes a questão da oralidade e de todo universo que a envolve nessa atividade lúdico-pedagógica.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O ENSINO HÍBRIDO

A atividade linguística se realiza em ambiente social em determinada situação de comunicação. Desse modo, o texto deve ser compreendido como um processo de comunicação e interação. No texto oral, os interlocutores prestam mais atenção às especificidades que envolvem a situação comunicativa. Segundo Marcuschi (1999, p. 15) “a interação verbal face a face resulta de um projeto conjunto de interlocutores em atividades colaborativas e coordenadas de coprodução de sentido e não de uma simples interpretação semântica de enunciados proferidos”. Assim, essa relação interativo-dialógica pressupõe: quem é o outro a quem se fala ou se dirige a palavra; quais são as intenções estabelecidas pelo

falante no ato de fala e como organiza as sequências orais a fim de que se tenha compreensão; quais estratégias são utilizadas para compreender o outro e encaminhar a conversa adequadamente; e, por último, mas não menos importante, como levar o outro a cooperar efetivamente no processo enunciativo da oralidade.

Entretanto, conforme discorre Marcuschi (1999, p. 19), as negociações apresentam seus limites,

[...] embora a negociação seja um processo central para a produção de sentido na interação verbal enquanto projeto conjunto, nem tudo é negociável. Por exemplo, não negociamos crenças nem convicções, o que tem consequências por vezes relevantes na continuidade de um tópico e pode ditar sua “morte”.

A partir dos pressupostos de Marcuschi (1999), podemos dizer que o processo de negociação implica uma mobilização que vai além do linguístico instrumental e de normas e estratégias de uso da língua que são combinadas com outras regras culturais, sociais e situacionais, conhecidas e utilizadas pelos falantes em evento conversacional. É importante destacar ainda que, durante o processo de contar histórias, se insere um contexto social estabelecido pela oralidade entre o discurso do contador de histórias e o texto oral produzido durante a atividade enunciativa de contar histórias.

O texto não deve ser analisado como se fosse acabado, pois, por meio da interação enunciativo/enunciatário, o que foi exposto pelo contador de histórias pode ser recontado pela perspectiva do enunciatário/ouvinte. Por essa razão, a construção de sentido do texto é estabelecida em decorrência da ação cooperativa dos envolvidos na interação e da cumplicidade entre enunciativo e ouvinte, que participam da mesma realidade histórica e social.

Nessa perspectiva, Marcuschi (1999, p. 34) aponta que o texto tem marcas que se dão em atividades rituais – como olhares, movimentos do corpo, marcadores conversacionais que demonstram marcas de entoação, sinais de atenção, monitoramento pelo contador de história, tentativa de formar imagens que produzam no ouvinte sensações em relação ao texto, o fluxo de fala com maior ou menor velocidade –, que estão ligadas a três etapas básicas: planejamento, execução e revisão.

Mas a questão que se apresenta no contexto atual é: como o professor pode trabalhar com a contação de histórias no ambiente virtual de aprendizagem, na modalidade híbrida? Para responder a esse questionamento, faz-se necessário trazer alguns pressupostos teóricos sobre o ensino híbrido. Recorremos a Moran (2015, p. 41), que afirma ser o híbrido: “um conceito rico, apropriado e complicado. Tudo pode ser misturado, combinado”, e que, em educação, isso significa refletir sobre “o que vale a pena aprender, para quê e como”.

Desse modo, o autor nos leva a considerar diversos questionamentos quando do processo de ensino-aprendizagem, muito antes da pandemia da Covid-19, lançando as perguntas:

Que conteúdos, competências e valores escolher, numa sociedade tão multicultural? O que faz sentido aprender num mundo tão heterogêneo e mutante? Podemos ensinar a mudar se nós mesmos, os gestores e docentes, temos tantas dificuldades em tomar decisões, em evoluir, em sermos coerentes, livres, realizados? Podemos ensinar de verdade, se não praticamos o que ensinamos? (MORAN, 2015, p. 41).

Como responder a essas questões tão complexas, se neste contexto em que vivemos o planejamento reveste-se apenas de mais um documento a ser arquivado? O que ensinar, como e para quê serão os eixos norteadores dessa prática tão “inovadora”?

Nesse âmbito, Garcia, Redel e Martiny (2021, p. 144) afirmam:

Independentemente de cada maneira, o modelo híbrido de educação rompe com a perspectiva mais tradicional de ensino em que o estudante é um agente meramente passivo em sala de aula, que apenas recebe o conhecimento. Assim, mediante o emprego de metodologias ativas, a proposta pedagógica na perspectiva híbrida objetiva que o participante assuma uma postura mais atuante, tomando decisões e direcionando seu conhecimento por meio de recursos tecnológicos interativos, em momentos mais individuais e, em outros, com vistas ao diálogo com colegas, instrutores e docentes.

Considerando a perspectiva dos autores, como deve proceder, então, o professor-contador de histórias? O jogo interativo, tônica dessa estratégia de ensino, requer muito mais do que vozes e gestos. Nessa nova dimensão, há dois grupos de interlocutores: os que estão *in loco*, na sala de aula, e os que estão atrás da tela do computador. Torna-se o professor-contador um mediador de metodologias ativas que espera a atenção da turma “presencial” e da “virtual” no ambiente digital. Tudo o que se conhecia em termos de metodologia cai por terra nessa nova configuração. Dito isso, afirma Moran (2015, p. 43):

Híbrido também pode ser um currículo mais flexível, que planeje o que é básico e fundamental para todos e que permita, ao mesmo tempo, caminhos personalizados para atender às necessidades de cada aluno. Híbrido também é a articulação de processos mais formais de ensino e aprendizagem com os informais, de educação aberta e em rede. Híbrido implica em misturar e integrar áreas diferentes, profissionais diferentes e alunos diferentes, em espaços e tempos diferentes.

Nessa vertente, caberá ao professor-contador de histórias encontrar caminhos que possam tornar essa atividade ainda mais atraente, sem perder de vista os dois grupos a que se dirige. Dessa forma, de acordo com Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 74), no ensino híbrido:

O papel desempenhado pelo professor e pelos alunos sofre alterações em relação à proposta de ensino considerado tradicional e as configurações das aulas favorecem momentos de interação, colaboração e envolvimento com as tecnologias digitais. O ensino híbrido configura-se como uma combinação metodológica que impacta na ação do professor em situações de ensino e na ação dos estudantes em situações de aprendizagem.

Chegamos então a um denominador comum: em cada situação de aprendizagem nestes tempos pandêmicos, nossos alunos demonstram sua capacidade de autoria em cada campo de atuação, seja contando histórias, seja defendendo opiniões nas diversas plataformas utilizadas. Assim, segundo Bastos e Casagrande (2020), avaliando o regime da autoria de cada um, observamos novas competências, sendo de interesse avaliar em que medida a autoria é requerida e quais são os efeitos que produz em diferentes campos discursivos, neste caso específico, o dramatúrgico, o gramatical e o lexical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novos tempos requerem outras atitudes pedagógicas. O professor-contador de histórias busca caminhos para continuar a ser um interessante formador de opinião, atuante em seu papel como interlocutor ativo no despertar da consciência política e social de seus alunos.

Nossa intenção não é esgotar as infinitas possibilidades de se trabalhar com essa estratégia que denominamos lúdico-pedagógica, porém o que se necessita hoje é ter clareza do papel a ser desempenhado pelo professor como contador de histórias, dada a nova realidade em que estamos inseridos. O ensino híbrido está aí e veio para ficar. Junto ao conhecimento já estruturado do professor, cabem novas formas de atuação, metodologias que tornem a escola mais desafiadora, agora sustentada em outras perspectivas.

STORYTELLING: THE ROLE OF THE TEACHER FROM THE PERSPECTIVE OF HYBRID TEACHING

Abstract: This article aims to present the concept of storytelling, pointing out some strategies used by the teacher as a storyteller, adapting his intentions in relation to the interlocutors involved in the enunciative context, considering the current moment of the Covid-19 pandemic, which presupposes the adoption of hybrid teaching.

Keywords: Storytelling. Interlocutors. Teachers. Hybrid teaching. Pandemic.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2005 [1989].
- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BASTOS, N. B.; CASAGRANDE, N. dos S. Língua Portuguesa: discursos lusófonos: pedagógicos, políticos, culturais, literários e tecnológicos. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 11-16, jan./abr. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Política nacional de educação infantil: elos direitos das crianças de zero a seis anos à educação*. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BRENMAN, I. *Através da vidraça da escola: formando novos leitores*. 2. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- BUSATTO, C. *Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COELHO, B. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- GARCIA, A. L. M.; REDEL, E.; MARTINY, M. M. Modelo de ensino-aprendizagem híbrido de alemão no Brasil: uma tendência contemporânea desafiadora?. *Revista Pandaemonium*, São Paulo, v. 24, n. 42, p. 137-164, jan./abr. 2021.

- GUIRAUD, P. *A linguagem do corpo*. São Paulo: Ática, 2001.
- LE MOS, I. S. A comunicação não verbal: um estudo de caso. *UNirevista*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-12, jul. 2006.
- MARCUSCHI, L. A. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, D. (org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MORAN, J. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (org.) *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.
- PIZA, C. de T. *Entrou por uma porta saiu por outra, quem quiser que conte outra*. Americana: Adonis, 2006.
- PUIG, J. M. *Democracia e a participação escolar: propostas de atividades*. Tradução Maria Cristina de Oliveira. São Paulo: Moderna, 1998.
- SCHCOLNIC, C.; BEZERRA, F. *Contadores de histórias: sobre a arte da narrativa*. São Paulo: All Print, 2008.
- SILVA, L. M. G. da et al. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 52-58, ago. 2000.
- SISTO, C. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, F. H. N.; MORAES, T. M. R. (org.). *Memorial do Proler*. Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem. Joinville: Univille, 2007. p. 39-41.
- SISTO, C. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- TAHAN, M. *A arte de ler e contar histórias*. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1964.
- TORRES, S. M.; TETTAMANZY, A. L. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. *Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 1-8, jan./jun. 2008.